

FCUL em TRANSIÇÃO... ou não?

Texto por *David Avelar* (Biólogo, investigador do SIM)

Eficiente Vs Eficaz... será que tanto faz?

Alguns de nós, naqueles momentos ensurdecadores de silêncio e solidão, paramos para pensar naquelas perguntas aparentemente fáceis mas de veras difíceis. Por exemplo: “Como será a minha vida em 2050?” (pausa de 47 segundos para coçar o neurónio).

Normalmente, o pensamento tende a direccionar-se para coisas como: o número de filhos, a casa, o carro, os amigos, ... a felicidade. Ideias e desejos que poderão vir a concretizar-se caso tudo esteja dentro do nosso círculo de influência e tendo como premissa que a realidade será mais ou menos igual ao que é hoje. MAS, quando nos consciencializamos que em 2050 a estimativa média da população mundial vai ser de nove mil milhões de pessoas - um terço a mais do que quando aterrámos no novo milénio - e a necessidade de comida vai subir setenta por cento do que é hoje, rapidamente caímos em nós e ponderamos se as prioridades não serão outras! Imaginemos um planeta com muitas mais pessoas e com muito menos recursos não-renováveis (água potável, solos aráveis, energia fóssil, zonas naturais entre outros). Deixemos este planeta a marinar e acrescentemos uma pitadinha de alterações climáticas, nomeadamente um aumento de ondas de calor e de inundações repentinas. Depois de apurar, sirva-o sob umas quantas crises políticas e sociais. Tenho a certeza que teremos um planeta completamente diferente do de hoje, cujas prioridades serão bem diferentes. Não achas?

A mensagem importante a reter é que se o mundo em 2050 for diferente do que nós imaginámos, então será que estamos a ir pelo caminho certo? Nos últimos anos de vida da nossa espécie, temos “evoluído” bastante. É facilmente perceptível quando comparamos o nosso mundo com o dos nossos avós. Estamos a ser bastante eficientes no tempo consumido. No entanto será que estamos a ir no caminho desejável? Por outras palavras, será que estamos a ser eficazes?

Dança com o Mundo em mudança.

As notícias que evidenciam que estamos num mundo em mudança são diárias, mas por vezes subliminares ou aparentemente insignificantes. Não é intenção deste texto descrever essas mudanças, mas temas como “o pico do petróleo e o fim da energia barata”, o impactos das alterações climáticas e os refugiados ambientais, o cada vez mais difícil acesso à água potável, o abandono de terrenos agrícolas outrora produtivos e a fragilidade desta economia de dívidas, são temas cada vez mais frequentes e, por isso, evidentes. Vivemos num mundo claramente desequilibrado que pode explodir a qualquer momento.

No entanto, isto não é nada de novo. O desequilíbrio sempre foi o motor da evolução. A história está repleta de catástrofes ambientais

e sociais. O que parece ser novo é que a nossa espécie como seres sociais que somos, evolui para uma complexidade tanto nos sistemas, como na organização, como na especialização do trabalho. Por outras palavras, enquanto a minha avó era uma generalista e por isso conseguia ser praticamente

auto-suficiente, eu sou um especialista altamente dependente de outros. Não haja dúvidas que sou bastante melhor que ela a escrever relatórios, no entanto com uma enxada na mão o mais provável é ficar com a mão inchada. Ou seja, neste momento, sinto que tenho uma melhor qualidade de vida que a minha avó, no entanto tenho a certeza que sou muito mais vulnerável a uma crise, seja ela de que origem for. O mais interessante é pensar que isto é geral.

Perante isto, parece-me aterrador imaginar a possibilidade de, por exemplo, Lisboa ficar sem receber qualquer produto durante um mês! Seria o caos, não seria?

Foi o aumento do Conhecimento que nos permitiu aumentar a qualidade de vida da população em geral. No entanto, esse conhecimento também nos diz que estamos a ficar cada vez mais vulneráveis. Não será altura de nos adaptarmos proactivamente em vez de esperarmos que algo aconteça para, só depois, reagirmos?

Universidade em transição, o foco da infecção

Por todo o mundo, as universidades sempre foram locais privilegiados de reflexão e debate sobre este tipo de questões. Locais onde existe o acesso fácil à informação permitindo que os seus utentes absorvam conhecimento quase por osmose. Por essa razão, é aqui que muitas vezes surgem as ideias visionárias... os pioneiros dos novos pensamentos.

Esta tentativa de evidenciar que estamos a evoluir por um caminho que resultará certamente em sofrimento, serve para alertar que é necessário encontrarmos uma solução. É urgente que a sociedade portuguesa transite para um modelo mais robusto. É de extrema importância que este problema social, ambiental e económico que temos vindo a criar, se inverta e seja visto como uma oportunidade de mudança!

É aqui que surge a FCUL! Nós! Desde os alunos aos professores, dos auxiliares aos directores, podemos ser “a mudança que queremos ver no mundo”. Podemos ser um início da transição em Portugal. O foco da infecção para um mundo melhor, independentemente do que isso queira dizer.

A transição está na nossa mão!

Para iniciarmos a transição, a FCUL tem de deixar de ser um local onde a única preocupação dos alunos é “passar nos exames”, a dos professores o “dar a matéria”, a dos funcionários o “cumprimento do horário de trabalho” e onde tudo o resto que acontece por aqui, passa um pouco ao lado. A FCUL tem de passar a ser um local agradável onde todos os seus utentes se sintam envolvidos. E para isso a mudança não tem de ser na estrutura da FCUL, mas sim na forma como os seus utentes se envolvem nas várias dimensões da mesma. E repare-se que, visto deste prisma, a transição apenas depende de nós. Não é formidável?

A minha visão positiva da FCUL em 2050 seria:

- Um local agradável onde os relvados e empedrados se transformaram em bosques e jardins comestíveis de horticultura, onde produtores e consumidores fossem os próprios estudantes e docentes da FCUL. Uma dispensa onde os biólogos pudessem sair

dos seus laboratórios e aí fazerem as suas experiências.

- Um edifício cujo enorme telhado serviria não só para proteger das intempéries, mas também para recolher e armazenar as águas das chuvas. Água essa tratada á posteriori por filtros biológicos desenvolvidos por equipas interdisciplinares.

- Um “organismo” que conseguisse transformar a energia solar que reflecte nas suas paredes e o vento que sopra nos seus telhados, em energia eléctrica consumida pelas suas salas de aula.

- Um local onde a maioria dos seus utentes chegassem em bicicletas e pudessem pará-las num local protegido da chuva e, quem sabe, ligá-las à corrente.

- Um local onde as actividades dos seus centros de investigação eram conhecidos pelos seus alunos e estes seus contribuidores.

- Um local com uma rede informática inteligente, onde todos os processos burocráticos e informativos eram altamente eficientes.

- Um local onde, para se terminar uma licenciatura, seria necessário não só escrever um bom relatório, mas também ter estado envolvido em grupos de trabalho diversificados, tendo desenvolvido um projecto concreto e visível.

- Um local em que os mais velhos (tanto professores, como investigadores, como alunos) tivessem não só o respeito que merecem, mas também o dever de integrar e tutoriar os novos alunos.

- Uma faculdade interligada com o conjunto da sua universidade, e com o restante ensino universitário, no país e no mundo, em termos de ensino, investigação e partilha de bons exemplos.

- Uma entidade que contribuía proactivamente para o desenvolvimento do país, mas sobretudo da cidade de Lisboa. Conectada com as indústrias e contribuindo com novo conhecimento através dos seus alunos e investigadores.

- Um local privilegiado de debates profundos de ideias e pensamentos organizados em tertúlias concorridamente participadas.

- Um local cuja construção da sua visão/missão fosse constantemente discutida por todos e alterada conforme a maioria o desejasse...

Achas esta visão utópica? Se sim, faz como a maioria, ri-te e segue com a tua vida, se não vai à Associação dos Estudantes e procura informar-te como poderás contribuir para a mesma. Envolve-te!